



Revista de Administração de Empresas

ISSN: 0034-7590

ISSN: 2178-938X

Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo

Tonelli, Maria José; Zambaldi, Felipe  
PROPRIEDADE DOS DADOS E CIÊNCIA ABERTA  
Revista de Administração de Empresas, vol. 59,  
núm. 6, 2019, Novembro-Dezembro, pp. 372-373  
Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de S.Paulo

DOI: 10.1590/S0034-759020190601

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155163302001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org  
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# EDITORIAL

Versão original

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020190601>



MARIA JOSÉ TONELLI  
Editora-chefe



FELIPE ZAMBALDI  
Editor-adjunto

## PROPRIEDADE DOS DADOS E CIÊNCIA ABERTA

A prática de acesso aberto aos artigos, adotada no Brasil e em vários outros países, ainda enfrenta resistência por parte de muitas editoras comerciais no exterior (Packer & Santos, 2019a). Mais recentemente, algumas passaram a utilizar um modelo híbrido de acesso aberto e fechado, como um caminho alternativo e não tão polarizado. Também está em andamento a discussão sobre transparência no processo de revisão por pares: o SciELO recomenda “avanço gradual de transparência e abertura [...] com a abertura das identidades dos autores e pareceristas durante o processo de avaliação” (Packer & Santos, 2019b). Mas ainda mais polêmica é a política de acesso aberto dos dados das pesquisas dos artigos veiculados em publicações científicas. No blog SciELO em Perspectiva, encontram-se vários textos sobre essa tendência, questionada por diversos atores envolvidos no processo de produção e publicação de artigos científicos: autores, universidades, editores e *publishers*. Quem é o proprietário dos dados? Nassi-Calò (2019) mostra que as pesquisas sobre essa questão permanecem inconclusivas, e muitos atores desse processo podem ser os proprietários: financiadores da pesquisa, instituição do pesquisador, *publisher*, além, claro, da visão de que os dados são de propriedade dos autores. A autora argumenta que a ciência aberta “é uma demanda da sociedade, dos governos e financiadores. Esta prática traz inúmeras vantagens ao tornar a ciência mais transparente, reproduzível, confiável e verificável” (Nassi-Calò, 2019). Na perspectiva dos pesquisadores, entretanto, há inúmeras questões. Na pesquisa qualitativa, por exemplo, realizada por meio de entrevistas, quando se garante o anonimato dos entrevistados, registrado por meio de consentimento informado, como proceder? Nas Ciências Exatas e Biológicas, talvez essa questão não se coloque, mas é premente quando se trata de pesquisa nas Ciências Humanas, pois os informantes poderão ser identificados e o sigilo garantido dentro dos padrões éticos em pesquisa, violado. Isso sem considerar as questões de tempo e recursos dos pesquisadores, além da propriedade de dados secundários de terceiros que muitas vezes cedem o acesso exclusivamente para uma pesquisa específica. Outros aspectos que se fazem presentes para a transparência dos dados nessa era de ciência aberta, descrita como *e-science*, como apontam Targino e Garcia (2018), são a necessidade de ciberestrutura (bases tecnológicas que comportem os dados), a colaboração da sociedade, bem como o apoio do Estado. Mas, novamente, quais são os proprietários da infraestrutura tecnológica que guarda os dados? Packer e Santos (2019b) argumentam que ciência aberta é um movimento irreversível, e o 4.<sup>º</sup> Plano Brasileiro de Ação nesse tópico envolve alguns marcos claramente definidos para o futuro (Packer & Santos, 2019b), a partir das diretrizes da Global Open Fair. No Brasil, a área da saúde já trabalha com essas diretrizes, mas é necessário, argumentam os autores, que programas de pós-graduação invistam em programas de treinamento. Também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) trabalha com essa orientação em Projetos Temáticos. A valorização das pesquisas no futuro estará vinculada não só ao periódico em que o artigo foi publicado, mas também aos dados disponibilizados (Kiley & Markie, 2019). Supostamente, essa ação eliminaria problemas como plágio, reproduzibilidade da pesquisa, vieses, entre outros. Critérios que, sem dúvida, são válidos para as Ciências Exatas e Biológicas. Mas esses critérios são aplicáveis para as Ciências Humanas, que se ocupam, muitas vezes, de fenômenos únicos, não replicáveis? Se hoje até a neutralidade dos algoritmos é questionada, será que podemos mesmo fazer ciência sem vieses? Será que os dados são neutros?

Essa edição contempla justamente um fórum sobre *Big Data*, organizado por Eduardo de Rezende Francisco, José Luiz Kugler, Soong Moon Kang, Ricardo Silva e Peter Alexander Whigham. O fórum traz o primeiro artigo convidado, “A jornada acaba de começar”, por William Lekse. Em seguida, a introdução ao fórum, “Além da tecnologia: Desafios gerenciais na era do *Big Data*”, dos organizadores. E continua com os artigos: “Capacidade de gestão da informação e implementação de estratégia de *Big Data*”, de Antonio Carlos Gastaud Maçada, Rafael Alfonso Brinkhues e José Carlos da Silva Freitas Junior; “Intenção de adoção de *big data* na cadeia de suprimentos: Uma perspectiva brasileira”, de Maciel M. Queiroz e Susana Carla Farias Pereira; “Medindo a acessibilidade: Uma perspectiva de *Big Data* sobre os tempos de espera do serviço da Uber”, de André Insardi e Rodolfo Oliveira Lorenzo, e “Fatores que afetam a adoção de análises de *Big Data* em empresas”, de Juan-Pedro Cabrera-Sánchez e Ángel F. Villarejo-Ramos. A seção Perspectivas também traz o debate sobre o uso de *Big Data* nos negócios: “*Big Data* e disruptões nos modelos de negócios”, por Eric Van Heck, e “*Plus ça change, plus c'est la même chose* [Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas]”, por Flávio Bartman. A pensata de Cintia Rodrigues de Oliveira, “Crimes corporativos: Um espectro ronda o mundo, o espectro do genocídio”, nos lembra que más condutas, comportamentos antiéticos e irresponsabilidade social corporativa também permeiam o mundo dos negócios.

Boa leitura!

**Maria José Tonelli<sup>1</sup>** | ORCID: 0000-0002-6585-1493

**Felipe Zambaldi<sup>1</sup>** | ORCID: 0000-0002-5378-6444

<sup>1</sup> Fundação Getulio Vargas, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

## REFERÊNCIAS

- KILEY, R., & MARKIE, M. (2019). Wellcome Open Research, o futuro da Comunicação Científica? [Publicado originalmente no blog LSE Impact of Social Sciences em fevereiro/2019] [online]. SciELO em Perspectiva. Retrieved from: <https://blog.scielo.org/blog/2019/02/27/wellcome-open-research-o-futuro-da-comunicacao-cientifica/>
- Nassi-Calò, L. (2019). Promovendo e acelerando o compartilhamento de dados de pesquisa [on-line]. *SciELO em Perspectiva*. Retrieved from <https://blog.scielo.org/blog/2019/06/13/promovendo-e-acelerando-o-compartilhamento-de-dados-de-pesquisa/>
- Packer, A. L., & Santos, S. (2019a). Ciência aberta e o novo modus operandi de comunicar pesquisa – Parte I [on-line]. *SciELO em Perspectiva*. Retrieved from <https://blog.scielo.org/blog/2019/08/01/ciencia-aberta-e-o-novo-modus-operandi-de-comunicar-pesquisa-parte-i/>
- Packer, A. L., & Santos, S. (2019b). Ciência aberta e o novo modus operandi de comunicar pesquisa – Parte II [on-line]. *SciELO em Perspectiva*. Retrieved from <https://blog.scielo.org/blog/2019/08/01/ciencia-aberta-e-o-novo-modus-operandi-de-comunicar-pesquisa-parte-ii/>
- Targino, M. G., & Garcia, J. C. R. (2018). Perspectivas da avaliação por pares aberta: Instigante ponto de interrogação [on-line]. *SciELO em Perspectiva*. Retrieved from <https://blog.scielo.org/blog/2018/05/14/perspectivas-da-avaliacao-por-pares-aberta-instigante-ponto-de-interrogacao/>